

XV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO – 2009

“PSICOLOGIA SOCIAL E POLÍTICAS DE EXISTÊNCIA: FRONTEIRAS E CONFLITOS”.

Trabalho Completo do XV Encontro Nacional da ABRAPSO.

GT : HIS 14

Etnopsicanálise: apresentação e aplicabilidade da “complementaridade” entre a antropologia e a psicanálise.

Autor: Mariana Leal de Barros (Universidade de São Paulo e Université Lumière Lyon 2). marilealbarros@yahoo.com.br

Co-autor: José Francisco Miguel Henriques Bairrão (Universidade de São Paulo). jfbairrao@ffclrp.usp.br

Donc, il est bien vrai qu'en un sens, tout phénomène psychologique est un phénomène sociologique, que le mental s'identifie avec le social. Mais dans un autre sens, tout se renverse : la preuve du social, elle, ne peut être que mentale.
(LÉVI-STRAUSS, em prefácio à obra de Marcel Mauss (1950)¹

1. Resumo

Este trabalho busca apresentar a etnopsicanálise, disciplina científica que nasce do diálogo entre a antropologia e a psicanálise. Busca-se apresentar as bases teóricas de construção desta disciplina a partir de sua contextualização histórica desde o embate surgido entre o antropólogo Bronislaw Malinowski e Freud até os dias de hoje. Ao longo do século XX, teóricos como Geza Róheim e Georges Devereux, que transitavam entre ambas as disciplinas, se propuseram a aprofundar o debate e pensar a multidisciplinaridade na teoria e na prática terapêutica. Atualmente, teóricos que trabalham na área contribuem para elucidar e possibilitar o diálogo entre ambas as disciplinas. Ressalta-se neste trabalho a importância de se refletir sobre o alicerce teórico no qual surgiu a etnopsicanálise na França, bem como sua prática atual para discutirmos e contextualizarmos a aplicabilidade da mesma no país. (Apoio: Fapesp e Capes)

2. Introdução

Assim como um planeta gira em torno de seu corpo central enquanto roda em torno de seu próprio eixo, assim também o indivíduo humano participa do curso do desenvolvimento da humanidade, ao mesmo tempo em que persegue seu próprio caminho na vida.

(FREUD, [1930], 2002, p. 105 – 106)

A etnopsicanálise é uma disciplina que conjuga antropologia e psicanálise na teoria e na prática terapêutica. Ainda é pouco difundida e aceita devido a impasses teóricos que afastaram ambas as disciplinas desde os primeiros trabalhos de Freud acerca do estudo da cultura.

Na sua origem a psicanálise se configura tanto como um método de investigação de processos psíquicos quanto como disciplina científica que poderia contribuir para as ciências sociais, ao construir um olhar atento para a cultura.

A teoria psicológica freudiana abarca o funcionamento do psiquismo não circunscrito ao individual. O social da psicologia psicanalítica não é uma extensão do saber sobre o psiquismo individual ao social. É a psicologia de cada sujeito que já é constitutivamente social, embora

¹ Então, é bem verdade que num certo sentido, todo fenômeno psicológico é um fenômeno social, que o mental se identifica com o social. Mas em outro sentido, tudo se inverte: a prova do social, ela, só pode ser mental (tradução minha).

por ser meramente psicologia não precise nem tenha como dar conta de toda a verdade do social. (BAIRRÃO, 2005, p. 442)

Desde o seu início, a psicanálise nos convida a pensar o nosso lugar na cultura e nossa responsabilidade face a ela. Por isso mesmo, longe de ser um apêndice da psicanálise, o estudo da cultura e a referência às ciências sociais são necessários e essenciais para um desenvolvimento coerente de sua teoria e prática (ASSOUN, 1993). Entretanto, frequentemente estamos habituados a uma psicanálise restrita à clínica psicológica, ou seja, à idéia de tratamento.

Além de uma terapêutica do sujeito, a psicanálise é também uma teorização da relação do sujeito com o mundo em que vive, razão pela qual as transformações sociais interessam à psicanálise, tanto em sua prática quanto em sua teoria. A responsabilidade do analista se situa tanto na clínica quanto no social, uma vez que nenhum sintoma se forma sem essa implicação social, à condição que diga respeito ao real. (KOLTAI et al., 2005).

Neste sentido, há e sempre houve terreno suficiente para um fértil diálogo entre psicanálise e antropologia. No entanto, por diversos impasses de ambos os lados, o debate ainda é confuso e as fronteiras entre as disciplinas tardam a ser transpostas.

Há inúmeras vias para discutirmos as questões dos impasses surgidos entre antropologia e psicanálise, e, apesar de a discussão ser mais marcada por silêncio do que diálogo, o “arsenal” teórico é bastante extenso. Mas é interessante notar que uma querela se iniciou “oficialmente” no começo do último século através do eminente e pioneiro antropólogo Bronislaw Malinowski.

3. Um debate histórico: Malinowski contra Freud

O afastamento entre a psicanálise e a antropologia ou as ciências da cultura tem início após a crítica de Malinowski à teoria freudiana. O autor fundamenta-se principalmente na crítica a **Totem e Tabu**, que visava refletir sobre a possibilidade de compreender o Complexo de Édipo de maneira universal através dos totens e tabus de diversas sociedades “primitivas”. Para ele, Freud não havia levado em consideração a diversidade entre as configurações familiares e sociais, tendo construído suas teorias baseado em famílias burguesas de cidades modernas como Viena, Londres ou Nova York.

Pulman (2002) afirma que para escrever Totem e Tabu, Freud se apoiou em trabalhos etnológicos do final do século XIX e início do XX muito marcados pelo evolucionismo e, além disso, o que foi criticado, é que seus autores não haviam mantido contato direto com os “primitivos” em questão. Malinowski, por sua vez, inaugura a antropologia moderna defendendo com veemência a importância do trabalho de campo (quanto mais longo possível) para qualquer teorização.

A partir do trabalho de campo realizado na Nova Guiné, o antropólogo combate a principal tese de Freud, através de considerações como a grande liberdade sexual dos trobriandeses (em oposição à repressão sexual universalizada por Freud), um desenvolvimento sexual independente das fases descritas por Freud (o antropólogo defendia que não havia fixação anal entre os trobriandeses), na ausência de importância do pai no desenvolvimento da criança (e mesmo o suposto desconhecimento do papel

do pai fisiológico), e a conclusão de que entre os trobriandeses os desejos do menino se dirigiam à irmã (não à mãe) e os mesmos teriam impulsos hostis em relação ao tio materno (não ao pai).

Tomando conhecimento das críticas dirigidas à sua obra, Freud convida seu colega etnólogo e psicanalista Geza Róheim a reagir criticamente às análises de Malinowski. Em 1928, Róheim segue rumo à Nova Guiné, assim como o fez o antropólogo.

Róheim (1925 apud PULMAN, 2002; 1950/1967) afirma em suas críticas que o investimento libidinal dirigido à irmã ou a agressividade em relação ao tio não provam a inexistência do Complexo de Édipo, mas seriam, provavelmente, um modo de defesa contra as tendências edípicas: por manobras psíquicas, a irmã seria uma substituta da mãe assim como o tio materno um substituto do pai. Além disso, Róheim aponta no antropólogo o grande desconhecimento do método psicanalítico e das compreensões dos conceitos elaborados por Freud, apegando-se ao discurso manifesto dos indígenas. O autor acrescenta ainda que na universalidade defendida pela psicanálise estejam em questão vivências inconscientes da figura paterna, não necessariamente o “pai real”, o que faz com que Lioger (2002, p. 50) o considere como pré-estruturalista.

Tais reflexões, no entanto, não foram levadas adiante nem pelos antropólogos, que parece não terem lido ou se pronunciado sobre elas, nem pelos psicanalistas da época (incluindo Freud), visto que Ernest Jones e Róheim contestaram rapidamente as afirmações de Malinowski (PULMAN, 2002).

Mas é a partir desse contexto confuso e sem diálogo explícito e direto, no entanto, que se inicia a polêmica entre a antropologia (ou mesmo as ciências sociais em geral) e a psicanálise.

4. Possibilidades de um diálogo: a etnopsicanálise.

Primeiro etnólogo a tornar-se psicanalista (ROUDINESCO & PLON, 1998), Geza Róheim inaugurou o que seria uma “antropologia psicanalítica”, pois possuía simultaneamente um real conhecimento de psicanálise ao mesmo tempo em que se valia de experiência etnográfica direta para poder combater competentemente os argumentos de Malinowski (RÓHEIM, 1950/1967).

Róheim critica o exagerado relativismo cultural empregado principalmente pela antropologia culturalista norte-americana. Para o etnólogo e psicanalista, limitar a antropologia a uma sociedade determinada não era a idéia dos pais da antropologia. Róheim afirma que, por este caminho, a antropologia acabou buscando somente as diferenças e singularidades, deixando de refletir sobre o que há em comum em diferentes extratos culturais. Róheim vai além e argumenta que, mesmo entre seus pacientes de uma mesma cultura, há muita diferença, o que também não quer dizer que não haja semelhança entre eles.

Em **Anthropologie et Psychanalyse** (1950/1967) complementa que não se trata de dizer que o Complexo de Édipo deva ser pensado de maneira igual para todas as culturas, pois mesmo entre os seus pacientes na Hungria ou em Nova York há que se conceber que cada um vive seu complexo de castração de maneira diferente.

Nos estudos etnológicos de Róheim, desenvolvidos desde 1920, o foco começou a se voltar para as práticas religiosas dos nativos, geralmente “mágicas” e terapêuticas. Os estudos de xamanismo e possessão também se configuram como pratos principais

nos estudos etnopsicanalíticos. A partir de então, o etnólogo e psicanalista passa a ser precursor de uma teoria que com Georges Devereux, seria reconhecida como etnopsicanálise.

O termo “etnopsicanálise” foi empregado primeiramente por Georges Devereux, que a partir da década de 60 contribuiu para o desenvolvimento de uma disciplina que conjuga a psicanálise com a etnologia². É preciso reconhecer, no entanto, que Devereux não apenas discutiu a questão teoricamente, como o fez Geza Fóheim, mas também na prática, através de uma “psicoterapia “transcultural” ou “etnopsicanálise transcultural” (LIOGER, 2002).

Sua obra consiste de um lado em uma etnologia clássica e de outro, numa prática terapêutica (LIOGER, 2002). Devereux desenvolve o que chama de “complementarismo” em **Ethnopsicanalyse complementariste** (DEVEREUX, 1972). Para ele, os fenômenos humanos podem ser explicados a partir de um duplo discurso, no caso, pela psicanálise e pela etnologia.

O etnopsicanalista busca nos “primitivos”, principalmente entre os *mohave* (grupo de índios do Arizona com o qual trabalhou), teorias psiquiátricas por eles mesmos elaboradas sem, no entanto, nenhuma atribuição de valoração hierárquica em relação às teorias ocidentais de compreensão das doenças mentais.

Para ele, o indivíduo “normal” não é aquele que está dentro dos padrões estipulados pela psiquiatria ocidental, mas aquele capaz de compreender e viver a cultura como um sistema que estrutura seu espaço vital, suas maneiras (“apropriadas”) de perceber e viver a realidade (DEVEREUX, 1977, p. 98). O sistema de referência cultural no qual o sujeito vive permite que se estruture, ou seja, que saiba se controlar, compreender e estabelecer relações com os outros a partir de instrumentos, valores e regras disponíveis para todos. Seria preciso, entretanto, que o grupo pudesse aceitar os diferentes usos que se faz destes materiais “culturais”.

O mesmo vale para o psicanalista ou etnólogo em relação ao seu olhar para o sujeito. O profissional deve considerar, por exemplo, que o mecanismo transferencial entre os indígenas não se dá a partir dos sistemas de parentesco vivenciados pelo próprio psicanalista, mas a partir dos sistemas de relação das populações com as quais trabalha.

5. Contribuições contemporâneas

Georges Devereux defendia que cabia aos psiquiatras a responsabilidade de um conhecimento aprofundado do sistema cultural de seus pacientes. O psicanalista utilizou os termos etnopsicanálise e etnopsiquiatria (disciplina que estuda a classificação de doenças mentais a partir de diferentes culturas e que as mesmas produzem diferentes doenças) com o mesmo sentido. Utilizamos o termo etnopsicanálise ao longo do texto, pois atualmente o termo etnopsiquiatria, como diz Lioger (2002), está demasiadamente associado a Tobie Nathan.

Tobie Nathan fundou em Paris um centro de pesquisa e atendimento etnopsiquiátrico com o nome de Georges Devereux. O autor afirma que existe no mundo uma infinidade de sistemas terapêuticos eficazes que não são redutíveis ao saber “ocidental”, mas que, por sua vez, podem ser mais eficazes e menos agressivos para determinados pacientes.

² Para um histórico mais detalhado e aprofundado do desenvolvimento destas disciplinas: etnopsicanálise, etnopsicologia, antropologia psicanalítica, ver Laplantine (2007) e Lioger (2002).

Este etnopsiquiatra afastou-se da psicanálise por considerá-la um saber que se pretende universalizante. Também critica o posicionamento de alguns psicanalistas a respeito de que as terapias tradicionais seriam técnicas de ilusão, sugestão ou placebo (sejam elas feitiçarias, rituais de possessão ou a fabricação de objetos “terapêuticos”).

Pour moi, ces pratiques sont réellement ce que leurs utilisateurs pensent qu’elles sont, des techniques d’influence, la plupart du temps efficaces, et par conséquent dignes d’investigation sérieuse. (NATHAN, 1994, p. 37)³.

Crítico também de uma ótica por ele considerada racionalista, Nathan (1994) diz que não há alguma diferença entre um teste de Rorschach e a adivinhação através de borras de café. O interessante não seriam os testes em si, mas a maneira de interpretá-los: “Dans tous les cas ne s’agit-il pas d’interpréter des taches produites au hasard?” (NATHAN, 1994, p. 17).

O etnopsiquiatra argumenta, assim como Devereux, que existe no mundo uma infinidade de sistemas terapêuticos eficazes, os quais não são redutíveis ao saber “ocidental”. Dessa maneira, devemos encará-los como “verdadeiros” sistemas conceituais e não como crenças vãs (NATHAN, 1995).

Nathan (1995) não se atém demasiadamente à questão psicopatológica dos sujeitos e, inclusive, convoca-nos a sair da busca de soluções nas próprias doenças:

Je considère désormais que le seul objet d’une psychopathologie véritablement scientifique doit être la description la plus fine possible des thérapeutes et des techniques thérapeutiques – jamais des malades. Allons! Reconnaissons nos erreurs! Oublions nos symptômes, nos syndromes, nos entités morbides, nos structures, toutes dirigées à défendre un seul type clinique. Non, nous ne pouvons plus continuer à chercher des maladies mentales dans les malades !» (NATHAN, 1998, p. 105-106)⁵.

É importante ressaltar que Tobie Nathan construiu todo o seu trabalho especialmente a partir de práticas psicoterapêuticas com imigrantes de países africanos residentes na França. Para ele, a psiquiatria e a psicanálise não seriam capazes de tratar este tipo de população com seus próprios instrumentos de trabalho, sejam eles medicamentos ou interpretações. Seria preciso reconhecer que essas pessoas possuem outras formas de se cuidar e tratar, que fazem parte de seus sistemas culturais de origem.

Dessa maneira, ele passou a realizar grupos terapêuticos em que, além dele e do paciente, estão presentes também uma equipe multidisciplinar formada por co-terapeutas de diversas origens (quando possível, da mesma do paciente), psicólogos, médicos, antropólogos, linguistas e um tradutor da língua do paciente para que o mesmo possa se expressar em sua língua materna. O sujeito teria, assim, a possibilidade de se tratar dentro de seus próprios sistemas de crença.

³ “Para mim, essas práticas são realmente o que seus usuários pensam que são: técnicas de influência, na maior parte das vezes eficazes, e consequentemente dignas de séria investigação” (tradução minha).

⁴ “De qualquer maneira, não se trata de interpretar manchas produzidas por acaso?” (tradução minha).

⁵ “Considero que o único objeto de uma psicopatologia verdadeiramente científica deve ser a descrição o mais fina possível dos terapeutas e das técnicas terapêuticas – nunca dos doentes. Vamos! Reconheçamos nossos erros! Esqueçamos nossos sintomas, nossas síndromes, nossas entidades mórbidas, nossas estruturas, todas dirigidas a defender apenas um tipo clínico. Não, nós não podemos mais continuar a buscar doenças mentais nos doentes” (tradução minha).

Na mesma linha da prática de Tobie Nathan, Marie Rose Moro desenvolve um trabalho com população majoritariamente imigrante no Hospital Avicenne, em Bobigny, região periférica de Paris. Atualmente é também responsável pela Maison des Adolescents, hospital em Cochin, Paris.

Marie Rose Moro, no entanto, não busca diferenciar-se da psicanálise e defende a prática de uma “clínica transcultural” (MORO et al, 2006).

Afirma que é preciso reconhecer que existem outras formas de se cuidar e tratar, que fazem parte dos sistemas culturais de origem dos pacientes e não devem ser negligenciadas.

O trabalho de ambos é de fato bastante significativo para uma população que sofre no contato com a cultura francesa, marcada por forte racismo, principalmente contra as populações de origem árabe. Trata-se de uma prática pensada a partir de populações imigrantes numa sociedade européia.

É importante, no entanto, ressaltar a importância de contextualizar as contribuições da clínica transcultural ou da etnopsicanálise à realidade brasileira.

6. Discussão: reflexões para uma prática contextualizada

No Brasil há práticas culturais e religiosas que deveriam ser conhecidas pelos profissionais da saúde. Seria importante que tivéssemos profissionais prontos e hábeis para acolher as necessidades e os discursos de populações que vivem outras formas de elaboração de mundo, diferentes do padrão de seu próprio médico, psiquiatra, psicólogo ou mesmo professor. Atendemos a pessoas construídas em sistemas culturais com códigos, crenças e tratamentos singulares, mas desconhecidos pelos profissionais. Caberia a estes um conhecimento aprofundado do sistema cultural de seus pacientes, pois estes assim teriam a possibilidade de se tratar dentro de seus próprios sistemas de crença.

Por outro lado, há diferenças importantes que devem ser pensadas, pois não trataríamos de imigrantes como nos exemplos franceses, mas de pessoas do nosso país que, entretanto, estão inseridas em sub-sistemas culturais com códigos, crenças e concepções terapêuticas desconhecidos pelos profissionais por quem são atendidas.

A mestiçagem brasileira tem o benefício de um suposto acolhimento da alteridade e, teoricamente, todos são iguais e devem ser tratados da mesma maneira. Mas ao mesmo tempo a clínica médica trata todos a partir de uma “igualdade biológica” que se pretende democrática mas é culturalmente homogeneizante e não se coloca em posição de respeitar as diferenças.

Não se trata de criticar a mestiçagem como maléfica ao sujeito, mas de pensar que algumas vezes acabamos por camuflar as diferenças culturais em nossa sociedade, como se tudo fosse o “mesmo”.

Nathan evidencia a importância de práticas terapêuticas independentemente de serem ou não reconhecidas pelo saber acadêmico ou pela OMS (Organização Mundial de Saúde), atribuindo-lhes um grau de equivalência ao saber ocidental. No entanto, é categórico na distinção do que funciona para um ou outro, de maneira estritamente relativa à cultura de origem. Para Nathan (1994), para se tratar de um *kabila*, deve-se agir como um *kabila*, para tratar de um *soninké*, deve-se agir como um *soninké* (NATHAN, 1994, p. 24).

É nesse ponto que reside tanto a maior contribuição de sua teoria (e prática) quanto a sua principal fragilidade, que lhe vem acarretando inúmeras críticas (FASSIN, 2000; ROUDINESCO & PLON, 1998). Para ele, é a “aculturação” e o choque entre a cultura de origem do sujeito e a cultura europeia (eminentemente parisiense) que adoecem o sujeito, mas não pára por aí e defende publicamente a criação de guetos em que as pessoas pudessem conviver com seus iguais (NATHAN, 1994).

Para Didier Fassin (2000), antropólogo francês especialista em antropologia da saúde, evidencia-se, assim, uma teoria comparável a estratégias racistas que justificavam o apartheid na África do Sul na década de 50. Para o antropólogo, esta ótica é perigosa por confinar o sujeito em sua diferença e retomar a confusão entre raça e cultura, pois no posicionamento de Nathan (1994), estaria presente uma naturalização das diferenças entre os sujeitos.

A mestiçagem, que para Nathan poderia ser patologizante, para François Laplantine (2007), também discípulo de Georges Devereux e teórico da etnopsicanálise, possibilita ao sujeito se encontrar e se revelar no outro. Ao invés de patológica, Laplantine (2001, 2005, 2007) teoriza sobre os benefícios da mestiçagem a partir de suas experiências de campo no Brasil.

Il convient alors de réaliser ce qui, dans le trouble et la turbulence, est aujourd’hui en train de s’inventer dans les périphéries ou dans les entre-deux de la culture : de nouvelles formes de subjectivité pouvant être qualifiées d’hybrides, de métisses ou de mutantes, qui sont autant de devenir possibles du sujet et du lien social qui n’ont pas encore été essayés (LAPLANTINE, 2007, p. 22)⁶.

Independentemente de um tomada de partido nesta discussão entre franceses, o fato é que, rigorosamente, tal ponto de vista seria inaplicável no nosso país, marcadamente mestiço, tanto do ponto de vista étnico quanto cultural.

Em suma, as questões aqui levantadas enunciam que a imensa diversidade cultural brasileira não deveria ser instantaneamente descartada nos serviços de saúde. A etnopsicanálise é um apelo para que psiquiatras, psicólogos e psicanalistas não pensem a cultura como algo externo, mas como parte integrante da estrutura e da economia psíquica. Deveríamos primeiramente conhecer o sistema de crenças e elaborações de mundo dos pacientes para pensarmos a melhor maneira de tratá-los.

Nos trabalhos de Roger Bastide (1974), Bairrão (2001a, 2001b) e Mantovani e Bairrão (2004, 2005) há propostas que discutem como utilizar a psicanálise com a característica da interdisciplinaridade. Os autores sugerem incorporar as ciências sociais à psicanálise e, assim, encontrar uma metodologia rica para a investigação e análise social da cultura.

Bastide (1974) aponta que o encontro é marcado por dificuldades epistemológicas que por vezes tornam-se irreconciliáveis, mas acrescenta que não há psicanálise possível sem um conhecimento dos meios sociais. Por sua vez, a própria psicanálise contribui para a análise da cultura:

⁶ Seria preciso pensar o que, na confusão e na turbulência, está se inventando nas periferias ou nos « entre-dois » da cultura : novas formas de subjetividade que podem ser qualificadas de híbridas, mestiças ou mutantes, que são outros tantos possíveis devires do sujeito e do laço social, mas que ainda não foram testadas (tradução minha).

A nosso ver, a contribuição da psicanálise à sociologia clínica é extremamente geral, e válida mesmo fora do âmbito do patológico puro, a saber; pouco importa que os fatos sociais sejam normais ou mórbidos: eles *falam*; o sociólogo deve aplicar-se antes de tudo a ouvi-los exatamente como o médico ouve a linguagem do corpo; contudo essa linguagem dos fatos sociais, cujas leis gramaticais o sociólogo pretende descobrir, pode deixar de ser compreendida; é o que acontece, por exemplo, com o doente que propõe ao médico um pseudo-sentido para esta linguagem, pelo fato de estar impregnado de subjetividade, de uma subjetividade de ser-atolado-na-doença. O método clínico propõe uma técnica científica para sair do sentido subjetivo, que é o manifesto, e passar para o objetivo, que é o oculto (BASTIDE, 1974, p. 211).

A ‘contribuição – chave’ da psicanálise é conceber o sujeito estruturado por relações de alteridade. A psicanálise pode ser útil para a compreensão da cultura, pois a sua concepção de sujeito e a sua prática clínica fornecem recursos para a pesquisa social nestes contextos. Esta perspectiva, no entanto, exige que o discurso seja ouvido e apreendido, justamente, em sua alteridade, sem atribuir significados ou traduções ao que é dito (BAIRRÃO, 2003).

A marca significativa não é propriedade privada de um ego ou de grupo de egos acionistas. Está na rua, em públicos segredos íntimos, em histórias pessoais que são atualizações de memórias históricas mais ou menos maltratadas, e por isso, o inconsciente não precisa ser concebido em termos estritamente psíquicos nem individuais. Abriga-se num horizonte que também é intrinsecamente social, cultural, e histórico. (BAIRRÃO, 2005, p.442)

Aliando a psicanálise à antropologia através da etnopsicanálise temos um método prático e teórico útil para o desenvolvimento de um trabalho que respeite e acolha a diversidade cultural brasileira. Trata-se de o profissional se colocar em posição que considera e respeita a alteridade e reconhecendo a especificidade dos sujeitos com os quais trabalha. É interessante ainda que pensemos não apenas na atuação dos profissionais com os sujeitos com os quais trabalham, mas também na elaboração de projetos sociais.

Quando os profissionais pouco conhecem sobre a cultura e os sistemas de crença praticados pelas populações com as quais trabalham, o resultado do seu trabalho é duvidoso e muitas vezes as suas boas intenções não encontram o eco esperado e não despertam adesão.

Referências Bibliográficas

- ASSOUN, P-L. **Freud et les sciences sociales**. Paris : Armand Colin, 1993.
- AUGRAS, M. **O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô**. Petrópolis: Vozes. 1983.
- BAIRRÃO, J. A escuta participante como procedimento de pesquisa do sagrado enunciante, **Estudos de Psicologia**, 2005, 10(3): 441-446.
- _____. Caboclas de Aruanda: a construção narrativa do transe. **Imaginário**, 2003, 9: 285-322.
- _____. J. A Imaginação do Outro: intersecções entre psicanálise e hierologia. **Paidéia – Cadernos de Psicologia e Educação**, 2001a, 11(21):11-26.
- _____. Subterrâneos da submissão: sentidos do mal no imaginário umbandista. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, 2001b, 2:55-67.
- BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. **Sociologia e Psicanálise**. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- DEVEREUX, G. **Essais d'ethnopsychiatrie Générale**. Paris : Gallimard, 1977.
- _____. **Ethnopsychanalyse complementariste**. Trad.: Tina Jolas e Henri Gobard, Paris : Flammarion, 1972.
- FASSIN, D., 2000, “Les politiques de l'ethnopsychiatrie. La psyché des colonies africaines aux banlieues parisiennes”, **L'Homme**, 153, 231-250.
- FREUD. **O mal-estar na civilização** [1930]. Rio de Janeiro, Imago: 2002.
- KOLTAL, C. ; KATZ, C.; MELMAN, C.; FUKS, M. Psicanálise e cultura: uma herança freudiana? . **Debate – Percorso n. 34**. Percorso - Revista de Psicanálise, São Paulo, v. 34, p. 233-241, 2005. [online]. [cited 2006-12-20], Available from: <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs34/34Debate.htm>
- LAPLANTINE, F. **Ethnopsychiatrie psychanalytique**. Paris: Beauchesne, 2007.
- LIOGER, R. **La folie du chaman : Histoire de l'ethnopsychanalyse**. Presses Universitaires de France: Paris, 2002.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental** [1922]. São Paulo : Abril ;1976.
- _____. **La vie sexuelle des sauvages** [1929], Du nord-ouest de la Mélanésie, trad. por S. Jankélévitch. Paris : Payot & Rivages, 2000.
- MAUSS, M. **Sociologie et Anthropologie**, Paris, Puf, 1950.
- MANTOVANI, A . **A construção da cura em cultos umbandistas: estudo de caso em um terreiro de umbanda da cidade de Ribeirão Preto – SP**. Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação, 2006.
- _____. ; Bairrão, J. Psicanálise e religião: pensando os estudos afro-brasileiros com Ernesto La Porta. **Memorandum**, 9, 42-56. Retirado em 12 / 12 / 2006, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/mantobairrao01.htm>.
- MORO, M. ; DE LA NOE, Q; MOUCHENIK, Y. (eds.). **Manuel de Psychiatrie transculturelle: Travail clinique, Travail social**. Grenoble : La Pensée Sauvage ed, 2006.
- NATHAN, T. **L'influence qui guérit**. Jacob : Paris, 1994.
- _____. Manifeste pour une psychopathologie scientifique, Nathan, T. & Stengers, in : **Medecins et Sorciers**, Paris : Les empêcheurs de penser en ronde –Synthélabo, 1995.
- PULMAN, B. **Anthopologie et Psychanalyse: Malinowsky contre Freud**. Paris : PUF, 2002.
- RÓHEIM, G. **Psychanalyse et Anthropologie**, Paris : Gallimard, 1950/1967.
- ROUDINESCO & PLON, **Dicionário de Psicanálise**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.